

O Tempo: sua multiplicidade e a literatura

Lilia Silvestre Chaves
Universidade Federal do Pará

« Le temps ce miroir à trois faces
Avec ses volets rabattus
Futur et passé qui s'effacent
J'y vois le présent qui me tue. »
Aragon

POR QUE O TEMPO?

Desdobramento de um primeiro trabalho intitulado “Tempo e História”, o presente estudo revelou-se necessário como tema inerente à disciplina “Literatura e Sociedade” (durante o Curso de Mestrado em Teoria Literária, em 1988), de vez que os fenômenos literatura e sociedade, tal como os concebemos, não só se desenvolvem dentro do tempo como emprestam, ao Tempo, o seu conteúdo.

No « intróito quase musical » de seu livro O tempo na narrativa, o professor Benedito Nunes cita a Montanha Mágica de Thomas Mann. Ao iniciar a série de interrogações a que somos levados quando queremos discorrer sobre a temporalidade, nós também repetimos as palavras do protagonista deste romance, Hans Castorp, quando este, face a face com o tempo, lança a questão:

”Pode-se narrar o tempo, o próprio tempo, o tempo como tal e em si?”¹

Castorp conclui que o tempo não pode ser narrado mas « é elemento da narrativa », já que esta precisa desenvolver-se sucessivamente no tempo. Dentre as artes, a literatura e a música dão conteúdo ao tempo, e, além de medi-lo e dividi-lo, precisam dele para existir.

O mesmo acontece com a vida: a vida preenche o tempo. Existe entre eles uma relação de mutualidade.

O Homem, que constituiu a sociedade e que criou a literatura, é um “ser que dura”, que se confunde com o próprio tempo. Talvez, por isso mesmo, não tenhamos nenhuma dúvida acerca da existência do tempo. O índice temporal está sempre ligado a todas as nossas expectativas. O tempo parece ser inseparável do conceito do eu. Para Cassirer, a temporalidade faz tanto parte da auto-consciência do homem quanto do estudo do homem e da sociedade:

“A vida orgânica existe apenas na medida em que se desdobra no tempo (...) Não podemos descrever o estado momentâneo de um organismo sem levar em consideração sua história e sem o ligar a um futuro estado em relação ao qual o presente não é mais que um ponto de passagem”²

Não se pode, pois, compreender vida sem tempo. Sendo a vida humana uma das características da história e sendo a história considerada a “ciência dos homens no tempo”³ não se pode compreender história e sociedade sem definir o tempo.

Este trabalho tem dois momentos: no primeiro, *A multiplicidade do Tempo* (fundamentado no livro *O Tempo na narrativa*, de Benedito Nunes), visa dar uma idéia da pluralidade de conceitos que se acham contidos na palavra Tempo e sua relação com a literatura e a sociedade; no segundo, *O Tempo na Literatura* (inspirado no capítulo 6, *L'obscur ennemi*, de *Approches Littéraires, 1/Les thèmes*), mostra o Tempo transformado em tema literário. São diversas interpretações do tempo através dos séculos, eternizadas pelas “vozes” dos diferentes grupos sociais — os poetas (no sentido lato de poesia).

I. A MULTIPLICIDADE DO TEMPO

1. O que é tempo?

“Fantastique ambition de l’homme, fabuleux mystère de la nature, le temps est toujours double: il s’écoule et recommence. Et toujours ambigu: temps multiples des multiples histoires des choses et des hommes; (...) Car les formes du temps s’enchevêtrent en des complexes arabesques, en des interférences raffinées”

Jacques Attali

O tempo existe, mas não é como « um fluido especial em que estaríamos involuntariamente mergulhados »⁴ e com o qual poderíamos estabelecer uma relação intuitiva cuja compreensão fosse, em si mesma, impossível.

Portanto, as interrogações continuam: o que é o tempo? De onde ele vem?

Segundo Santo Agostinho, o tempo nasceu com o Céu e a Terra.

“No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou a luz DIA, e as trevas, NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia.”⁵

E o próprio Santo, em seu questionamento, atrapalhou-se na hora de conceituá-lo:

O que, então, é o tempo? Se ninguém me pergunta eu o sei; se desejo explicá-lo àquele que pergunta, não o sei”⁶

Como já foi dito antes, é a vida que preenche o tempo. São os acontecimentos que se sucedem que lhe dão uma duração. Tanto Sartre como Heidegger concordam em afirmar que

“... a temporalidade não é um ser, mas sim um caráter do que se temporaliza. Só percebemos esta continuidade porque ela é assegurada e por assim dizer, constituída pelo próprio ser que dura, isto é, o homem”⁷

Assim como acontece com o espaço, todos nós sabemos o que é o tempo e na hora de explicá-lo, titubeamos. Quando tentamos ultrapassar aquilo que a nossa experiência nos dá sobre o tempo, confundimo-nos e ficamos perplexos.

A grande dificuldade que sentimos, explica Benedito Nunes, deve-se ao fato de não haver apenas um conceito de tempo. Ao pensarmos em tempo, multiplicamos em nossa mente conceitos diversos: “o tempo é plural em vez de singular”⁸. O que há de comum em todos os aspectos do tempo são as noções de desordem (sucessão, simultaneidade), de “duração” e de “direção”,

“... que recobrem, em vez de uma identidade, relações variáveis entre acontecimentos, ora com apoio nos estados do mundo físico, ora nos estados vividos, ora na enunciação lingüística, nas condições objetivas da cultura, nas visões de mundo e no desenvolvimento social e histórico »

Como elo entre todos esses aspectos, o tempo nos sugere as noções mais abrangentes (e opostas) de mudança e permanência. Benedito Nunes distingue duas “categorias” de tempo, o real e o imaginário. Relativos ao “tempo real”, ele identifica cinco conceitos diferentes de tempo: o tempo físico, o cronológico, o histórico, o lingüístico e o psicológico. O tempo real é representado principalmente, entretanto, pela

“...forma quantitativa, contínua e irreversível, em que se entrecruzam a objetividade do tempo físico com a sucessão regular do presente ao passado e do presente ao futuro do tempo cronológico. Neste nível ocorre a singular metamorfose do tempo real em potência que nos penetra e envolve, atualizada na fugacidade das coisas e assumindo, como causa geral das mudanças o vulto de um ente fugaz e passageiro »¹⁰
[] «que nenhum poder, nem ainda o divino, pode parar »¹¹

O “tempo imaginário” está ligado a este conceito de tempo como mito, como “ente” (eterno para Platão, mutável para o Padre Vieira). A crença nas Idades Míticas, por exemplo, como veremos, funda-se neste tempo imaginário, que teria existido no princípio, ou existirá um dia. Na literatura, o tempo é inseparável do mundo da ficção. Porém o tempo imaginário é paralelo ao tempo real já apresentado por meio da linguagem, dentro da linearidade do discurso.

2. Tempo Cronológico

“Le calendrier, la montre. Traces essentielles de la trajectoire de chaque civilisation et du cours de la vie pour chaque homme.

Parmi toutes les présences du quotidien qu’il faudrait archiver dans les mémoires de nos vies, celle des instruments de mesure du temps est sans doute une des plus riches de sens, et révèlent de façon étrange et complexe non seulement le sens du temps pour chaque société, mais aussi la façon dont l’homme s’inscrit lui-même dans le temps, le pense et l’organise”.

Jacques Attali

Antes de procurarmos um conceito para o tempo, já o conhecemos, sentimos sua existência, medimos a nossa vida diária baseados nele. Uma série de acontecimentos descontínuos não constitui uma duração e, sabemos, não há partes isoladas no tempo. As noções de sucessão, de continuidade, de duração, de intervalo, nos são familiares. Vemos o sol substituir a lua, contemplamos a natureza que se modifica. Conhecemos a idéia de progresso de evolução, de mudança, de decadência. Servimo-nos de instrumentos para medir o tempo e, normalmente, não sentimos necessidade de conceituá-lo. Contamos com a presença do tempo no nosso dia-a-dia — “contamos com o tempo e contamos o tempo”.

As medidas do tempo:

O homem sempre se preocupou em medir o tempo. Existem sistemas de medida do tempo físico (este tempo com o qual estamos em contato através da experiência externa), sistemas relacionados com a organização cósmica, cuja menor unidade é o dia. Medimos o tempo na Astronomia, quando, segundo Benedito Nunes,

“calculamos os 365 dias de duração do ano pela revolução da Terra em torno do Sol, quando calculamos as 24 horas de duração do dia pelo giro da Terra em torno do seu próprio eixo, quando dividimos cada hora em 60 minutos, cada minuto em 60 segundos e quando estimamos o valor de cada segundo em $(1/86\ 400)$ do dia solar médio”¹².

Outro sistema mais abstrato de medir o tempo tem como base a hora e deu origem a instrumentos que vão evoluindo desde as clepsidras, ampulhetas, relógios de sol, relógios de torre, pêndulos, a relógios de pulso e até cronômetros. O sistema horário define um tempo que é, ao mesmo tempo, coletivo e individual¹³

Quando medimos o tempo estamos usando padrões chamados

cronométricos. As medidas baseadas nos movimentos dos astros, do tempo cósmico, desde o dia até o ano, ilustram um ciclo. Há uma repetição dos períodos, que, ao serem datados, fundam uma sorte de contagem linear do tempo — a cronologia.

O Calendário:

As sociedades captam o tempo físico ou cósmico, medem-no e o transformam em calendário. Mesmo nas sociedades mais antigas, a origem do calendário é social. Baseados no ritmo cósmico, os calendários iam surgindo, tendo como os dois pontos de referência naturais, a Lua e o Sol e, como célula mínima, o dia. O calendário é um instrumento de caráter científico, cultural e religioso; o tempo, por ele medido, reflete a problemática social de um povo e está submetido aos “ritmos do universo”. Para Le Goff, o calendário universal é uma utopia. Os povos desenvolveram seus próprios sistemas de medir o tempo, delineando histórias particulares de calendários, cada sociedade obedecendo às suas próprias estruturas sociais e políticas, aos seus sistemas econômicos e culturais e aos seus instrumentos científicos e tecnológicos.

Partindo do dia, que com sua dupla face — dia e noite — contém “uma parte de luz e outra de sombra”, passando pela semana¹⁴ (que é conhecida pela maioria dos povos) pelo mês¹⁵ (que deriva da lunação, tempo que separa “duas voltas da lua em conjunção com o sol”), para chegar ao ano¹⁶, unidade fundamental do calendário, baseada no ciclo das estações¹⁷ (proporcionado pela natureza através do aspecto da vegetação e do clima) e no sol, pois o ano é o tempo de “uma revolução da terra à volta do sol”. Para além do ano, o tempo é medido em termos de eras, ciclos, séculos.

Com a necessidade de um início para a contagem do tempo oficial, é a história que introduz no calendário um elemento linear. O ponto fixo é a era: o sistema de datação do tempo a partir de uma era datada como um acontecimento fundador que tinha algo de magia — “o início de uma nova era ...” traz um marco de esperança. A era

Cristã, por exemplo, iniciou-se com o nascimento de Cristo.

Muitos povos introduziram um tempo cíclico dentro do seu tempo linear. Esse tempo é geralmente sagrado, ritual, religioso (como as Olimpíadas para os gregos). O tempo dos ciclos é circular, porém o tempo linear impõe-se ao caracterizar a sucessão dos tempos.

Ainda citando Le Goff, o grande historiador, uma das maiores “conquistas de unidade no calendário superior é o século”. A palavra e o conceito só foram aplicados realmente no século XVIII e a partir de então, o século favoriza a humanidade a dominar “porções cada vez maiores do tempo e da história”¹⁸

Segundo Benveniste, esse tempo público do calendário é o tempo cronológico, ligado ao físico pelos padrões de medida e pela objetividade. É o tempo cronológico que de fato rege nossa vida, fixando datas e pontos de referências a partir de acontecimentos.

3. Tempo Físico

“Tems multiples des multiples histoires des choses et des hommes; mais aussi temps unique dans toutes les sociétés. Partout l’instrument capable de réussir cet enracinement des rites marque le surgiment des plus audacieuses machines et des plus extraordinaires théories d’une époque, et partout il est outil du contrôle social”

Jacques Attali

José Honório Rodrigues cita a obra de C.J. Whitrow, What is time?¹⁹ em que o autor, visando dividir o tempo, demonstra que este, assim como a matéria e a energia, pode ser atomizado em sua estrutura. Tal como o espaço, o tempo atômico teria, como unidade mínima, o chronon, um milhão de milionésimo de segundo (10 - 24 seg.), provando a continuidade virtual do tempo formado de uma seqüência de átomos curtíssimos, idéia revolucionária para a concepção histórica.

O conceito de tempo evoluiu com a própria Física. Do tempo absoluto de Newton ao tempo relativo de Einstein, que, no século XX, baseando-se nos “acontecimentos simultâneos” mostrou que o tempo é relativo a “um sistema de referências. Einstein provou que o tempo é indissociável do espaço, sendo sua grandeza acrescida às três dimensões deste último, constituindo, portanto, a quadrimensuralidade do universo.

Hoje, um físico como Hawking retoma a teoria da relatividade e o problema do tempo. Segundo ele, para “prever” o início do universo há necessidade de leis que sustentem o começo dos tempos e afirma, baseado no que chama de “teoremas da singularidade” e nos efeitos gravitacionais do *quantum*, que a “teoria clássica já não é mais uma boa descrição do universo”. Porém, a “mecânica quântica” torna necessária a introdução da noção de “tempo imaginário” que é um conceito matemático, ou seja, “para os objetivos de cálculos, devemos medir o tempo através de números imaginários em vez de números reais”²¹. Como consequência, quanto ao espaço-tempo, dá-se o desaparecimento absoluto da distinção entre espaço e tempo. Na teoria quântica, o espaço-tempo seria como a superfície da Terra acrescida de mais duas dimensões: não teria limites.”O universo conter-se-ia por inteiro (...). Não seria criado nem destruído. Apenas SERIA”²². A noção de tempo imaginário não se distingue do conceito de direções no espaço. Hawking diz que existem pelo menos três setas de tempo:

“uma seta do tempo termodinâmica, a direção do tempo em que a desordem aumenta; uma seta do tempo psicológica, que é a direção em que sentimos o tempo passar, a direção em que nos lembramos do passado e não do futuro e a seta cosmológica do tempo que é a direção em que o universo se expande mais do que se contrai”²³.

Hawking conclui que “o tempo imaginário é, na verdade, o tempo real e que o chamado tempo real é apenas uma invenção de nossa

imaginação...”²⁴

O matemático Jacob Bronowski chama a atenção para o fato de que grande parte da Física dos últimos tempos “é a reconstrução de um conceito mais delicado e mais emocionante de espaço”. Segundo ele, a mecânica dos quanta, como tudo que é novo, tem provocado escândalo, assim como Swift o fez em sua época com as Viagens de Gulliver²⁵.

4. Tempo Psíquico

“Aujourd’hui, dans la crise majeure où nous sommes, un choix surgit entre deux formes d’usage du temps. Dans l’une, l’homme est utilisé par le temps; il devient une machine codée, programmée parmi d’autres machines; l’angoisse s’empare de lui s’il échappe un bref instant aux calendriers électroniques qu’on lui prépare. Dans l’autre, l’homme invente le temps, il transforme chaque machine en instrument de création d’un temps personnel, où il peut rythmer sa propre vie”

Jacques Attali

Quando pensamos o tempo relacionado à nossa experiência interior, chegamos à noção de Bergson, “noção de tempo especificada como um dado imediato de nossa experiência”. Esse tempo também nos é familiar. É o “temps humain”, privado, subjetivo que se opõe à objetividade do tempo físico — é o tempo psicológico, tempo de duração interior ou tempo vivido. Uma de suas características é que, na maioria das vezes, encontra-se em discordância com o tempo da natureza. Feito de imprecisão, imensurável, o tempo interior é « elástico » e subjetivo:

“O tempo que é nosso para usar a cada dia é elástico: as paixões que sentimos o dilatam, as que inspiramos o contraem e o hábito o preenche”²⁶

O tempo psicológico “compõe-se de momentos imprecisos que se aproximam ou tendem a fundir-se « ao sabor da memória. ou da imaginação ».

“O Tempo enquanto experimentado mostra a qualidade da relatividade subjetiva ou é caracterizado por uma espécie de irregularidade, não-uniformidade ou distribuição desigual na medida pessoal do tempo”²⁷.

É esse tempo psíquico que predomina na obra literária da atualidade.

Thomas Mann, por exemplo, denuncia as formas temporais como relativas e subjetivas:

“Sim, quando se vigia o tempo, ele passa tão lentamente...”²⁸

“O tempo não tem nenhuma ‘realidade’. Quando ele lhe parece longo, ele é longo, e quando ele lhe parece curto, é curto, mas de que comprimento ou de que brevidade, é o que ninguém sabe”²⁹.

5. Tempo Histórico.

“Chaque société a son temps propre et son histoire; chacune s’inscrit dans une théorie de l’Histoire et s’organise autour d’une maîtrise du calendrier; toute culture se construit autour d’un sens du temps; tout travail de l’homme est pensé comme un temps cristallisé, comme une accélération de celui de la nature. »

Jacques Attali

Benveniste em *Le langage et l'expérience humaine* distinguiu o tempo cronológico do físico e do psíquico. O tempo cronológico obedecendo, como já se viu, a um calendário e regulando nossa existência, é contínuo mas não tem um único sentido. Segundo Benveniste, tomando o presente como ponto de partida, podemos ir tanto na direção do passado como na do futuro. O tempo cronológico permite a intromissão de outras “expressões temporais específicas e autônomas da cultura, que lhe interrompem periodicamente a vigência geral”³⁰, o tempo histórico, o político e o litúrgico.

O tempo histórico, (que é de « teor cultural »), que se « engrena ao cronológico », mas não se confunde com ele, representa, para Benedito Nunes, a “duração das formas históricas de vida”, e pode ser cortado em intervalos curtos (guerras, migrações, movimentos políticos e religiosos) e longos que refletem lentos processos (como do “desenvolvimento do feudalismo ou o advento do Capitalismo”³¹). Como é um tempo coletivo e cultural, depende da duração dos acontecimentos, tem ritmo variável, baseado na oposição mudança/continuidade, inerente a cada período histórico, da lentidão medieval à alucinante velocidade dos nossos dias, e suas direções variam de acordo com cada cultura, ora considerado como um tempo linear, através da idéia de progresso (influência da religião cristã) ora como um “percurso cíclico” que se repete, como a teoria dos “corsi e ricorsi” de Vico, que, retomando o conceito grego, estuda a formação, o desenvolvimento e a decadência das nações através de três fases sucessivas: a idade dos deuses, a dos heróis e a dos homens, uma concepção cíclica da história.

6. Tempo Político

“A chaque carrefour de l'histoire du pouvoir change la mesure du temps, signal annonciateur.

Avoir du pouvoir c'est contrôler le temps des autres et le sien propre, le temps du présent et celui de l'avenir, le temps passé et celui des mythes”.

Jacques Attali

Uma das ramificações do tempo histórico é o tempo político que é cíclico em sua natureza (os eventos cívicos repetindo-se a cada ano, mudando de acordo com os “donos de poder”) e linear, na sua significação histórica.

Através da medida, o homem tentou conquistar o tempo. O calendário sempre representou uma forma de poder. Em todas as épocas, os detentores do poder foram “senhores do calendário”: reis, imperadores, governantes de uma maneira geral, revolucionários e padres.

Desde as Cosmogonias, os deuses criadores do universo são também os criadores do calendário. Na Bíblia, temos:

“E disse Deus: que haja luzes no firmamento do céu para distinguir o dia da noite e que sejam sinais para as estações, para o dias e para os anos”³².

Se a instituição e a reforma dos calendários era obra dos astrônomos, elas sempre foram de iniciativa do poder político.

Em 46 a. C., Júlio César reforma o calendário e torna-se ditador, de um poder quase absoluto. Na Europa do século XVIII, “noutro contexto e noutro nível”, os déspotas esclarecidos compreenderam muito bem que o calendário se situava na esfera do poder.

No entanto, foram sobretudo os religiosos que tentaram obter o controle do calendário, dando-lhe um caráter sagrado. E tal era o poder da Igreja Católica Romana que, após 1585, com a mudança do calendário pelo Papa Gregório XIII, criando o “calendário gregoriano”, este passa a ter apenas datas das festas cristãs. Depois, com a laicização do tempo, os dois calendários se tornaram independentes: o corrente cívico e o litúrgico.

7. Tempo Litúrgico

“Toujours ambigu, il est à la fois source de mort et de vie. Partout l’homme craint que le soleil ne se lève pas, que le monde ne vienne à se figer. En même temps, il espère qu’une telle ruine advienne et régénère l’univers, il souhaite le retour au point de départ d’un cycle, à l’image de l’éternel mouvement des astres et de la vie, de la lumière et de l’ombre. (...) Le temps, avec sa mesure, constitue une dimension incontournable des codes et des rites.”

Jacques Attali

Outra vertente ligada ao tempo cronológico é o tempo litúrgico, tempo das celebrações religiosas de cada povo segundo o seu calendário próprio. Desdobra-se em dois tempos: é cíclico quanto à repetição das festas que “reatualizam” os acontecimentos que as originaram e é linear quanto à direção que foi estabelecida pelo Cristianismo.

O Cristianismo e o Tempo

O Cristianismo é visto como uma rutura na mentalidade temporal histórica, estabelecendo três momentos fixos — a Criação, início absoluto da história, a Encarnação, início da história cristã e da história da salvação e o Juízo final, fim da história —, e substituindo as concepções antigas de um tempo circular pela noção de um tempo linear com um sentido. Esse sentido baseia-se na idéia do “fim do mundo”, do “apocalipse”. Santo Agostinho, inspirado na idéia das duas cidades, a celeste e a terrestre, tentou mostrar a ambivalência do tempo “presente tanto no caos aparente da história humana (...) como no fluxo escatológico da história divina”³³. Entretanto, não se deve reduzir o Cristianismo a um só tempo linear, pois o tempo litúrgico é um tempo circular e obedece a um calendário particular. O Cristianismo

combinou pelo menos três tempos: o tempo circular da liturgia, que é ligado às estações; o tempo cronológico linear, comum, medido pelo relógio e pelo calendário social; e o tempo linear teleológico, o tempo escatológico, que não conduz necessariamente a uma valorização da história, pois a salvação tanto pode se realizar fora dela, como através dela.

Como marco na evolução da mentalidade histórica, o Cristianismo trouxe novos e importantes elementos, como o caráter fortuito da vida humana, ou a roda de fortuna, outro elemento circular na concepção de vida, e que esteve muito em voga na Idade Média.

Idades Míticas

O estudo das Idades Míticas é uma abordagem peculiar, mas privilegiada das concepções do tempo, da história e das sociedades ideais. As idades Míticas são “imaginárias”, no passado ou no futuro, épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas. Ou a época primitiva é imaginada como uma Idade do Ouro, ou a idade feliz está situada no fim dos tempos (ou na eternidade, ou como a última época antes dos fins dos tempos).

“O mundo deve ser anualmente renovado e essa renovação se produz obedecendo a um modelo — a cosmogonia ou um mito de origem, que desempenha o papel de um mito cosmogônico (...) Ora no fim de um ciclo e no início do ciclo seguinte realiza-se uma série de rituais que visam a renovação do Mundo”³⁴.

Há religiões que acreditam no “eterno retorno”, tomando o tempo como uma sucessão de ciclos, enquanto outras crêem numa concepção linear do tempo. Essas teorias de ciclos e de idades, originaram, através de símbolos, calendários “míticos e datas proféticas cujo uso, com fins políticos e ideológicos, desempenhou, por vezes, um papel importante na história”³⁵. Essas Idades Míticas são descritas

nos mitos, em textos religiosos e filosóficos e em textos literários que nos transmitiram mitos.

8. Tempo Lingüístico

“Dans la plupart des langues, un même vocable désigne le temps des hommes, celui des étoiles, des calendriers, des horloges, celui des paysages terrestres, des civilisations et des sociétés, des musiques et des danses. Très souvent même, les langues indiquent une équivalence culturelle entre le temps et l’espace, et un même mot designe le temps qu’il fait et le temps de faire, celui du soleil et celui des moissons”

Jacques Attali

No começo era uma palavra única: chrónos. Tanto para o Tempo (com maiúscula) quanto para certas formas verbais, que Aristóteles definia como ‘palavras que traziam uma determinação sobre o eixo do tempo’. Em latim, Tempus era, não só o Tempo como fenômeno extra-lingüístico, como também um conjunto de formas lingüísticas. Atualmente, grande parte das línguas seguem o mesmo modelo para designar os tempos: em português, tempo; em espanhol, tiempo; em francês, temps; em italiano, tempo. Em alemão e em inglês há distinção: Zeit X Tempus e time X tense.

Por extensão, as palavras presente, passado e futuro, usadas para o tempo cronológico, são empregadas para nomear diretamente certas formas do tempo verbal; outras formas são relacionadas indiretamente: latim Perfectum (perfeito), no português Preterito (que passou); no francês Plus-que-parfait (literalmente “mais do que acabado”); no alemão Exakt-Futur (« futuro que foi levado ao seu fim »); etc..

Weinrich, em seu livro Tempus (que, segundo Benedito Nunes é um “ensaio polêmico”), depois de um interessante estudo que inicia dentro do esquema exposto acima, parte da lingüística textual para

chegar ao tempo da linguagem literária.

Segundo ele, como não se pode limitar o campo da teoria dos tempos às frases, o questionamento deve partir dos textos, pois é através destes que as formas temporais vêm ao nosso encontro. A lingüística textual (mais precisamente, a semântica textual) parte de uma constatação fundamental: “um texto é uma sucessão significativa de signos lingüísticos entre duas ruturas manifestas de comunicação”³⁶. Como exemplo de rutura na comunicação escrita, ele cita as ‘capas do livro’ e também “estes cortes deliberadamente introduzidos e que, num sentido quase metalingüístico, fazem ruturas manifestas na comunicação”³⁷ (O limite inferior é de dois monemas e não há limite superior).

Como um texto não é um puro alinhamento de signos, é a partir da rede de suas determinações mútuas que ele pode constituir-se. O efeito de um signo num texto não é outro senão esta capacidade de determinar outros signos que o rodeiam.

A teoria de Weinrich desenvolve-se em torno do tempo nos textos e desemboca na divisão dos tempos em dois grupos, os tempos “comentativos” e os tempos “narrativos”, respectivamente tempos do “mundo comentado” e do “mundo narrado”.

Segundo Émile Benveniste, há dois sistemas onde distribuem-se os verbos franceses e que manifestam dois planos de enunciação diferentes: o da história e o do discurso. A enunciação histórica é, para ele, reservada à língua escrita e caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados. “A intenção histórica constitui uma das grandes funções da língua: ela aí imprime sua temporalidade específica”³⁸. Benveniste define a narrativa histórica como “o modo de enunciação que exclui toda forma lingüística ‘autobiográfica’”. O historiador não dirá nunca eu nem tu nem aqui nem agora. (...) não se constatarão, pois, na narrativa histórica senão formas de terceira pessoa”³⁹.

Por discurso, ele entende “toda enunciação que supõe um locutor e um auditor e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de algum modo”⁴⁰. O discurso é tanto oral quanto escrito.

A enunciação histórica, apresentaria, baseada no pretérito perfeito (o “*aoriste*”) e nos tempos afins, “um certo momento do tempo, sem

nenhuma intervenção do locutor na narrativa”⁴¹ e a enunciação discursiva empregaria todas as formas de tempos verbais (excluindo o pretérito perfeito), com base em pronomes pessoais.

Em outra obra, Benveniste diferenciou os vários aspectos do tempo: o tempo físico, “divisível à vontade”, o tempo cronológico ou “tempo dos acontecimentos” que socializado é o tempo do calendário e o tempo lingüístico, tempo do narrador:

“O único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso e tal presente é implícito. Isto determina outras duas referências temporais, que estão necessariamente explicitadas num significante e fazem aparecer o presente à sua volta como uma linha de separação entre o que já não é presente e o que irá sê-lo. Estas duas referências não são próprias do tempo, mas de pontos de vista sobre ele, sendo projetadas para trás ou para frente a partir do momento presente”⁴²

“O que o tempo lingüístico tem de singular é que está organicamente ligado ao exercício da palavra (...) e tem seu centro no presente da instância da palavra”⁴³

O tempo lingüístico revela a condição intersubjetiva da comunicação lingüística.

II. O TEMPO E A LITERATURA.

“Même s’il n’y a là peut-être qu’une angoisse banale devant la fragilité de toute chose et une ambition de transformer, par une oeuvre, la vie en éternité absolue; même si, devenu objet-livre, toute oeuvre est à son tour, comme la vie, menacé par l’oubli et l’impuissance”.

Jacques Attali

A. O TEMPO NA FICÇÃO

1. A Ficção e os Tempos Verbais

A enunciação narrativa tem a propriedade de apresentar, no próprio discurso, marcas específicas que a distinguem do enunciado das coisas contadas. Daí resulta que o tempo desdobra-se em “tempo do ato de contar” e “tempo das coisas contadas” — duas modalidades temporais, cujas diferenças apresentam aspectos não cronométricos, mas sim uma dimensão reflexiva original. Partindo do princípio de que, na narrativa, o ato que preside a criação de uma intriga é um “ato de julgamento”, pois o ato de contar já traz em si mesmo uma reflexão sobre os acontecimentos contados ou narrados, pode-se dizer que a narrativa de ficção traz em si a capacidade de “se distanciar de sua própria produção” e assim de desdobrar-se em enunciação e enunciado⁴⁴. É a partir deste desdobramento que os traços fictícios do tempo narrativo, ligados à problemática dos tempos verbais, tornam-se de extraordinária importância, tendo sido objeto de estudo de três autores de relevante contribuição para o estudo do tempo na ficção.

Käte Hamburger distingue a forma gramatical do tempo do verbo (principalmente dos tempos passados) de sua significação temporal, sob o regime da ficção. Ela insiste fundamentalmente no corte que a ficção literária introduz na invenção dos personagens que são, segundo ela, o “eu-origem” fictício dos pensamentos, sentimentos e ações da história contada”⁴⁵.

Käte Hamburger é contra a interpretação gramatical usual de que, se a ficção narra no pretérito, isso implica de acordo com o sistema gramatical — situar a ação no passado. Para ela, o pretérito não indica passado, mas sim “um desligamento da ficção com o real”⁴⁶, ocasionando uma ausência de temporalidade na ficção, um presente (no sentido de um tempo simultâneo à ação contada — mas um presente sem nenhuma relação com o presente real da asserção) e uma perda da função gramatical do passado.

Retomando a teoria de Weinrich esboçada há pouco, podemos dizer que ele dissocia a organização dos tempos verbais do tempo vivido e das categorias “presente, passado e futuro”, termos que, por extensão, a língua aproveitou para nomear as formas temporais. Segundo ele, os tempos verbais “situam o leitor ou o ouvinte no processo comunicativo da linguagem”⁴⁷, concluindo que o texto literário tem uma temporalidade própria, relacionada ao tempo da ação. Ele parte, como vimos, da distinção entre comentar e contar, em que o comentário é uma “atitude de locução caracterizada pela “tensão ou engajamento” (os interlocutores encontram-se envolvidos) e a narração é uma “atitude de locução caracterizada pelo “relaxamento ou distanciamento” (os interlocutores não estão implicados, não entram em cena). O “mundo comentado” é representado pelo “diálogo dramático, o memorando político, o editorial, o testamento, o relato científico, o tratado jurídico e todas as formas de discurso ritual codificado e performativo”⁴⁸ e o “mundo contado ou narrado” pelo “conto, a lenda, a novela, o romance, a narração histórica”⁴⁹.

Esse “mundo contado” tem como exemplo mais marcante o conto maravilhoso: arranca-nos da vida cotidiana, introduz-nos no imaginário, através de uma forma codificada — “Era uma vez...”⁵⁰.

O pretérito perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito, segundo Weinrich, indicam, pelo distanciamento e pelo curso livre que imprimem à linguagem, que estamos contando ou narrando — que há uma “locução narrativa” —, enquanto que o presente, o passado composto e o futuro implicam uma situação de “locução discursiva”, de comentário. Essas duas situações se interpenetram. Assim, o pretérito não tem compromisso com o passado — ele apenas indica que há narração, pois com o uso do tempo passado o escritor configura tanto o presente como o futuro.

Para Benedito Nunes, “as situações de locução, o ‘narrar’ e o ‘comentar’, têm maior flexibilidade do que os conceitos correspondentes de ‘enunciação histórica’ e ‘enunciação discursiva’ (no sentido restrito da palavra discurso), distinguidos por Émile Benveniste (já referido por nós no tópico referente ao tempo lingüístico).

Paul Ricoeur vai mais além em sua teoria sobre o tempo na ficção, quando parte para uma tripartição do esquema anterior. Segundo ele, o esquema tem três níveis: a enunciação (tempo do narrar), o enunciado (tempo narrado) e o mundo do texto (“experiência fictícia do tempo projetada pela conjunção/disjunção entre tempo levado para contar e tempo contado”⁵¹).

2. Tempo Real e Tempo Imaginário

Contar histórias é um comportamento humano característico — Butor fala-nos de “ce récit fondamental dans lequel baigne notre vie entière” —, em face do mundo a mais peculiar atitude do homem é “contar”. “Existe entre a atividade de contar uma história e o caráter puramente temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural”⁵².

Ao ser articulado num modo narrativo o tempo se torna tempo humano.

Na literatura o tempo é duplo: é imaginário — já que se encontra no “reino do como se” —, e é real — a linguagem que apresenta os acontecimentos desenrola-se no tempo, fora da obra.

A narrativa, para Benedito Nunes, tem três planos: o do conteúdo, que é a história, o da forma de expressão, que é o do discurso e o da narração como ato de narrar. O tempo da história, imaginário, depende do tempo real (do discurso) que obriga a sucessão dos acontecimentos, narrados através da linguagem, obedecendo a seqüências narrativas, linhas, páginas e capítulos. Como o intermediário é a linguagem, pode haver certa descontinuidade, intervalos, onde a narração é suspensa para dar lugar à descrição. Aqui, o presente não é mais o “privilegiado”, a ordem temporal se altera, por vezes justapõem-se presente, passado e futuro “num momento único, caso em que se transforma no oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno”⁵³. O tempo, na história, é pluridimensional porque ora acelera ora retarda a sucessão temporal. Em A Montanha Mágica de Thomas Mann, todos esses aspectos de dupla temporalidade da ficção são

abordados. A discordância entre o tempo real e o tempo imaginário, por exemplo, é bem nítida: no início do romance, o tempo da narração (do “*récit*”, ‘*Erzählzeit*’) — aquele que se emprega narrando ou lendo o texto — estende-se enormemente em relação ao tempo narrado (“*raconté*”, ‘*erzählte Zeit*’) — a duração dos acontecimentos: 68 páginas de texto para o primeiro dia no sanatório, enquanto que no fim do romance há uma redução crescente. Juntamente com o “ponto de vistas”, a “apresentação” e a “voz”, o tempo na narrativa pertence às características do discurso e deriva da relação entre o tempo de narrar e o tempo narrado estudado acima. Entre outros recursos do tempo na narração literária que refletem anacronias, podemos citar a retrospectão, a prospecção “formas de discordância entre as duas ordens temporais”⁵⁴, recursos de retardamento, “*retour en arrière*”, antecipação, coincidência entre tempo real e tempo imaginário, etc..

3. Evolução do Tempo na Ficção

O que se tem de mais antigo em teoria literária sobre o tempo é a *Poética* de Aristóteles, onde há referência ao tempo, no que diz respeito à diferença entre a extensão da epopéia (ilimitada) e a da tragédia (dura o tempo de uma revolução solar). E, no entanto, são as marcas temporais que aproximam o gênero épico do dramático — ambos tratam de acontecimentos, ambos são objetivos e o tempo vem ligado à “fluidez da corrente da ação” decorrente da linguagem. Já a lírica é subjetiva, os acontecimentos são intimamente ligados à vivência do Eu, possui tonalidade afetiva e o ritmo que “incorpora as vivências...” A lírica é imediata, nela, o não-distanciamento leva ao tempo presente de um “momento eterno”. Mas, apesar disto, o poema não deixa de trazer marcas temporais: o ritmo ou cadência, a “tonalidade afetiva” (“oposição entre o transitório e o permanente”) e os temas que evocam o tempo de maneira direta.

“Nos poemas, a vida civilizada associa-se freqüentemente com o ciclo orgânico de crescimento, maturidade, declínio, morte e renascimento em outra forma individual. Enquadram-se aqui os temas de uma idade de ouro ou heróica no passado, de um milênio no futuro, da roda da fortuna nos assuntos sociais, das meditações sobre ruínas, da nostalgia por uma perda simplicidade pastoral, da lástima ou exultação pela queda de um império”⁵⁵.

O tempo, a intriga, concebidos por Aristóteles, basearam-se em “gêneros” reconhecidos na época e que foram estudados pelo filósofo: o drama (comédia e tragédia) e a epopéia. Os “doutos” do Classicismo francês interpretaram a *Poética* e criaram regras limitadas e constrangedoras (a “regra das três unidades, a obrigação de começar “*in medias res*” para depois voltar atrás e explicar a situação presente, entre outras). Estas regras provocavam uma leitura fácil, disposta simetricamente entre um ponto culminante da ação, obedecendo a uma ligação causal fácil de identificar entre o nó e o desfecho. A literatura moderna, como a cultura moderna em geral se tornou especialmente consciente do tempo e escolheu os estados interiores da consciência humana como chave para tornar esses aspectos do tempo explícitos e articulados. A sucessão temporal é excluída. Há a fusão da tripartição presente, passado e futuro, pois a vivência subjetiva do tempo é relativa e não se identifica com o tempo dos relógios. O Homem não vive apenas no tempo, mas é tempo “... *nous avons dit que nous nous écoulions dans le temps. Il est plus véritable que le temps s'écoule en nous*” 56. Com o romance moderno, há um “desmascaramento do espaço, do tempo, da causalidade e do próprio ser humano”⁵⁷. O princípio da causalidade obedecido pelo tempo real não pode ser obedecido pela nossa memória que não possui ordem, fundindo os momentos que já se passaram, com os atuais e com os que poderão vir. Os sentimentos, o sonho e a imaginação confundem e distorcem as lembranças. Há uma “interpenetração dinâmica”(o termo é de Bergson)

dos eventos da memória, criando uma ordem “peculiar da vida inteira”, que, se comparada com uma seqüência temporal objetiva, é considerada desordenada. “Essa ordem — ou desordem — característica do tempo nas vidas humanas tornou-se o ponto central na análise literária do tempo”⁵⁸.

Segundo Kundera, hoje, o romancista, presa do que ele chama de “paradoxos terminais”, não pode mais limitar-se ao tempo proustiano da memória pessoal, mas deve

“...alargá-lo ao enigma do tempo coletivo, do tempo da Europa que se volta para olhar seu passado como um velho que arrebatava com um só olhar sua própria vida que quase esvaiu”⁵⁹.

Assim, o tempo do romance rompe com o tempo real, e esta é a própria lei da ficção. O tempo da ficção está desarticulado, invertido, “telescopiado”, reduplicado, não há mais o tempo familiar dos romances tradicionais, e sim as medidas temporais próprias da ficção contemporânea, criando no leitor expectativas novas, infinitamente mais sutis que as relacionadas à sucessão temporal retilínea.

“De modo ainda mais intenso que nas outras artes, sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais além daquele em que somos obrigados a viver e a trabalhar. Perguntamo-nos se esse anseio de transcender o nosso próprio tempo, pessoal e histórico, e de mergulhar num tempo “estranho”, seja ele estático ou imaginário, será jamais extirpado”⁶⁰.

B. O TEMPO COMO TEMA

“Autant de poètes - voire de poèmes -
autant de ‘vécus’ temporels”

Paul Ricoeur

« Prisioneiro de sua ‘humana condição’ o homem, ao longo da história sempre ambicionou dela evadir-se, no entanto, isto significava libertar-se ‘das condições do tempo e do espaço’ »⁶¹

É o que se pergunta Guítton em seu livro *Justification du Temps*:

“Se o tempo é como a forma da existência sensível e mesmo da vida espiritual, a eternidade é a forma do pensamento. Não haverá em todo exercício da inteligência um esforço para suspender e mesmo para suprimir o tempo?”⁶²

Logicamente, pois, ‘as relações entre o homem e o tempo traduziram-se sempre em termos de hostilidade ou de conflito’, é preciso “vencer” o tempo, “dominá-lo”. No soneto *L'ennemi*, Baudelaire deplora a fuga do tempo e seus efeitos (destruição da vida humana e da criação poética). O poeta evoca o passado de sua vida, o presente (“voilà que”) e o futuro (e a esperança de poder ainda criar. O inimigo é conhecido, o tempo destruidor e “vampiro”).

L'ennemi

Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage,
Traversé çà et là par de brillants soleils;
Le tonnerre et la pluie ont fait un tel ravage,
Qu'il reste en mon jardin bien peu de fruits
vermeils.

Voilà que j'ai touché l'automne des idées,
Et qu'il faut employer la pelle et les râteaux
Pour rassembler à neuf les terres inondées,
Où l'eau creuse des trous grands comme des
tombeaux

Et qui sait si les fleurs nouvelles que je rêve
 Trouveront dans ce sol lavé comme une grève
 Le mystique aliment que ferait leur vigueur?

—Ô douleur! Ô douleur! Le Temps mange la vie
 Et l'obscur ennemi qui nous ronge le coeur
 Du sang que nous perdons croît et se fortifie!⁶³

Medir o tempo foi a primeira preocupação do homem e também sua primeira desilusão, pois « reduzir a duração à sombra projetada sobre um quadrante, a alguns algarismos em um relógio ou algumas datas sobre um efeméride é tornar relativo o absoluto e, sobretudo, medir seus próprios limites face ao infinito »⁶⁴. Guillién o sentiu:

El tiempo? No se ve. La hora?
 Se mide apenas, corre mucho.⁶⁵
 El arbol, enfrente, se dora.

E Eugênio de Castro também o ilustra, melancolicamente:

Murmúrio de água na clepsidra gotejando
 Lentas gotas de som no relógio da torre
 Fio de areia na ampulheta vigilante
 Leve sombra azulando a pedra de um quadrante
 Assim se escoia a hora
 Assim se vive e morre
 Homem, que fazes tu?
 Para que tanta ira, tão doidas ambições
 tanto ódio e tanta ameaça?
 Procuremos somente beleza
 Que a vida é um punhado infantil de
 areia ressequida
 Um som de água ou de bronze
 E uma sombra que passa...⁶⁶

O homem mal chega a situar seu 'desconforto' em relação ao momento-agora, diante da impossibilidade de « aprisionar algo que não o pode ser ». A primeira parte de *Pensées* desenvolve uma única idéia através de argumentos bem diversificados: a miséria do homem diante da imensidão do universo. Essa miséria confrontada com o tempo, que é infinito, tem, para Pascal, um fim pessimista.

“Nous ne nous tenons jamais au temps présent. Nous anticipons l'avenir comme trop lent à venir, comme pour hâter son cours; ou nous rappelons le passé, pour l'arrêter comme trop prompt: si imprudentes que nous errons dans les temps qui ne sont pas nôtres, et ne pensons point au seul qui nous appartient; et si vains, que nous songeons à ceux qui ne sont rien, et échappons sans réflexion le seul qui subsiste. C'est que le présent, d'ordinaire, nous blesse. Nous le cachons à notre vue, parce qu'il nous afflige; et s'il nous est agréable, nous regrettons de le voir échapper. Nous tâchons de le soutenir par l'avenir, et pensons à disposer les choses qui ne sont pas en notre puissance, pour un temps où nous n'avons aucune assurance d'arriver.

Que chacun examine ses pensées, il les trouvera toutes occupées au passé et à l'avenir. Nous ne pensons presque point au présent; et, si nous y pensons, ce n'est que pour en prendre la lumière, pour disposer de l'avenir. Le présent n'est jamais notre fin: le passé et le présent sont nos moyens; le seul avenir est notre fin. Ainsi nous ne vivons jamais, mais nous espérons de vivre; et, nous disposant toujours à être heureux il est inévitable que nous ne le soyons jamais⁶⁷.

Segundo Guitton, todo presente se decompõe em duas partes que têm como características o fato de não estarem presentes:

“La première est faite de ce qui vient d’être et qui passe. Le second élément du présent, celui qui est le principal et qui lui donne son mouvement et sa forme, c’est un élan de notre être vers un point virtuel posé par le désir ou par le vouloir et d’où l’action procède: c’est une invention de ce qui sera, et en même temps c’est une attente passive de ce qui va paraître. De ces deux modes du présent l’âme fera des lieux”⁶⁸

O desmoramento ante o fluir inexorável do tempo, os poetas cantaram-no através dos séculos, possuídos pela nostalgia diante das incontáveis metamorfoses que o tempo provoca na integridade do universo — e pela idéia de perda que ele nos dá:

1. Mudança de uma paisagem que não têm memória (como se depreende desses versos extraídos do poema, de 168 versos, de Victor Hugo, *Tristesse d’Olympio*):

O Douleur! J’ai voulu, moi dont l’âme este
troublée,
Savoir si l’urne encor conservait la liqueur,
Et voir ce qu’avait fait cette heureuse vallée
De tout ce ve que j’avais laissé là de mon coeur!

Que peu de temps suffit pour changer toutes
choses!
Nature ao front serein, comme vous oubliez!
Et comme vous brisez dans vos métamorphoses
Les fils mystérieux où nos coeurs sont liés!

(...)

N’existions-nous dons plus? Avons-nous eu notre

heure?
Rien ne la rendra-t-il à nos cris superflus?
L’air joue avec la branche au moment où je pleure
Ma maison me regarde et ne me connaît plus.

D’autres vont maintenant passer où nous
passâmes.
Nous y sommes venus, d’autres vont y venir;
Et le songe qu’avaient ébauché nos deux âmes,
Ils le continueront sans pouvoir le finir!

Car personne ici-bas ne termine et n’achève;
Les pires des humains sont comme les meilleurs.
Nous nous réveillons tous au même endroit du
rêve
Tout commence en ce monde et tout finit ailleurs.

(...)

Oh! dites-moi, ravins, frais ruisseaux, treilles
mûres
Rameaux chargés de nids, grottes, fôrets,
buissons,
Est-ce que vous ferez pour d’autres vos
murmures?
Est-ce que vous direz à d’autres vos chansons?

(...)

Dieu nous prête un moment les prés et les
fontaines,
Les grands bois frissonnants, les rocs, profonds et
sourds,
Et les cieus azurés et les lacs et les plaines,
Pour y mettre nos coeurs, nos rêves, nos amours;
Puis il nous le retire. Il souffle notre flamme;
Il plonge dans la nuit l’autre ou nous rayonnons;
Et dit à la valée, où s’imprima notre âme,

D'effacer notre trace et d'oublier nos noms.

Eh bien! oubliez-nous, maison, jardin, ombrages!

Herbe, use notre seuil! ronce, cache nos pas!

Chantez, oiseaux! ruisseaux, coulez! croissez,
[feuillages! ⁶⁹

Ceux que vous oubliez ne vous oublieront pas.

Obs. Olympio (o "outro" lírico de Victor Hugo) reencontra os recantos onde aconteceram os primeiros momentos da paixão do poeta e da atriz Juliette Drouet, e deixa jorrar a sua tristeza... É um poema da lembrança, tema romântico por excelência (lembramos do *Le lac* lamartiniano). Uma peregrinação provoca a lembrança e a imaginação contra a infiel natureza que esquece e que muda com o tempo.

2. Desmoronamento das sociedades brilhantes de outrora:

Os trinta e três sonetos que compõem *Les Antiquités de Rome* inauguram uma nova mentalidade lírica: a poética das ruínas, Du Belay evoca o esplendor passado e medita nostalgicamente sobre o tempo devassador:

Nouveau venu, qui cherches Rome en Rome
Et rien de Rome en Rome n'aperçois,
Ces vieux palais, ces vieux arcs que tu vois,
Et ces vieux murs, c'est ce que Rome on nomme

Vois quel orgueil, quelle ruine, et comme
Celle qui mit le monde sous ses lois,
Pour dompter tout, se dompta quelquefois,
Et devient proie au temps, qui tout consomme.

Rome de Rome est le seul monument
Et Rome Rome a vaincu seulement
Le Tibre seul, qui vers la mer s'enfuit,

Reste de Rome. Ô mondaine inconstance!
Ce qui est ferme est par le temps détruit,
Et ce qui fuit au temps fait résistance.

3. O 'emurcheçar' de uma natureza que nos reenvia, como um espelho, a imagem de nosso próprio envelhecimento:

« Em todas as épocas os poetas e escritores foram sensíveis a esta nuance do tema do tempo. No século XVI, a tradição italiana exigia que o poeta consagrasse coletâneas de sonetos de amor às damas reais ou imaginárias »⁷¹ e Ronsard não é uma exceção: em sua obra dedica inúmeros poemas ao amor e à temporalidade, influenciado pela crescente tragicidade na visão da vida relacionada com a morte e conseqüente desejo de fruir a vida presente:

Je vous envoie un bouquet de ma main
Que j'ai ourdi(1) de ces fleurs épanies(2):
Qui ne les eût à ce vèpre(3) cueillies,
Flaques(4) à terre elles cherroient(5) demain.

Cela vous soit un exemple certain
Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries,
En peu de temps cherront(5) toutes flétries,
Et périront, comme ces fleurs, soudain.

Le temps s'en va, le temps s'en va, ma Dame;
Las! le temps non, mais nous nous en allons,
Et tôt seront étendus sous la lame:(6)

Et des amours desquelles nous parlons,

Quand serons morts n'en sera plus nouvelle: (7)
 Pour ce(8) aimez moi, cependant(9) qu'êtes belle
 72

-
1. ourdi : tressé, arrangé
 2. épanies : épanouies
 3. vêpre : soir (latin vesper)
 4. flaques : flétries
 5. cherroient: du verbe choir (tomber)
 cherront: tomberont.
 6. lame : dale du tombeau
 7. nouvelles : mention
 8. ce: c'est pourquoi; le "e" est élidé
 9. cependant : pendant que
-

La Fontaine ilustra uma moral idêntica em sua fábula *La fille*, onde uma jovem, um tanto orgulhosa, desdenha tantos pretendentes pretextando mínimos detalhes (um não tinha delicadeza de maneiras, outro possuía nariz mal feito) que, com o passar do tempo...

(...) L'âge la fit déchoir; adieu tous les amants.
 Un an se passe, et deux, avec inquiétude.
 Le chagrin vient ensuite: elle sent chaque jour
 Déloger quelques ris, quelques jeux, puis l'amour;
 Puis ses traits choquer et déplaire;
 Puis cent sortes de fards. Ses soins ne purent faire
 Qu'elle échappât au temps, cet insigne larron.
 Les ruines d'une maison
 Se peuvent réparer: que n'est cet avantage
 Pour les ruines du visage!
 Sa préciosité changea lors de langage.
 Son miroir lui disait: "Prenez vit un mari"
 Je ne sais quel désir le lui disait aussi:

Le désir peut loger chez une précieuse.
 Celle-ci fit un choix qu'on n'aurait jamais cru,
 Se trouvant à la fin tout aise⁷³ et tout heureuse
 De rencontrer un malotru

No nosso século, Queneau, autor de contos absurdos e de ensaios onde a "linguagem tenta se libertar das normas acadêmicas", também aborda esse tema do "tempo inexorável" utilizando abreviações fonéticas, gíria e neologismos:

Si tu t'imagines
 fillette fillette
 si tu t'imagines
 xa va xa va xa
 va durer toujours
 Ia saison des za
 saison des amours
 ce que tu te goures
 fillette fillette
 ce que tu te goures
 Si tu crois petite
 si tu crois ah ah
 que ton teint de rose
 ta taillé de guêpe
 tes mignons biceps
 tes ongles d'email
 ta cuisse de nymphe
 et ton pied léger
 si tu crois petite
 xa va xa va xa
 va durer toujours
 ce que tu te goures
 les beaux jours s'en vont
 les beaux jours de fête

soleils et planètes
 tourment tous en rond
 mais toi ma petite
 tu marches tout droit
 vers sque tu vois pas
 très sournois s'approchent
 la ride véloce
 la pésante graisse
 le menton triplé
 le muscle avachi
 allons cueille cueille
 les roses les roses
 roses de la vie
 et que leur pétales
 soient la mer étale
 de tous les bonheurs
 allons cueille cueille
 si tu le fais pas
 c'est que tu te goures
 fillette fillete
 ce que tu te goures.⁷⁴

4. Nomes cuja lista infinita vem nos lembrar de que o tempo passa...

Na segunda metade do século XV, o sentimento do “afastamento irremediável do passado” é traduzido magistralmente por François Villon na célebre Ballade des dames du temps jadis:

Dites moi où, n'(1) en quel pays
 Est Flora(2) la belle Romaine
 Archipiadé(3), ne Thais(4),
 Qui fut sa cousine germaine,
 Écho(5), parlant quand bruit on mène
 Dessus rivière ou sus étang

Qui beauté ot(6) trop plus qu'humaine
 Mais où sont les neiges d'antan?
 (...)
 Prince n'enquerez(7) de semaine
 Où elles sont, ne de cet an,
 Qu'à ce refrain ne nous remaine(8)
 Mais où sont les neiges d'antan?

-
1. n': et (de même au vers 3).
 2. Flora : Courtisane romaine célébrée par Juvénal (vers 60-130).
 3. Archipiadé: homme politique athénien célèbre aussi par sa beauté et que le Moyen Age prenait pour une femme.
 4. Thais: Courtisane égyptienne qui finit sa vie dans un couvent.
 5. Écho: Nympe amoureuse de Narcisse et transformée en rocher.
 6. ot : eut.
 7. enquérez : ne demandez “ni” de cette semaine...
 8. remaine : sans que je vous ramène.
-

E o tempo passa incansavelmente, como a água do rio sob a ponte. Ao mesmo tempo que evoca o homem face ao mistério do tempo: fluxo de tudo principalmente do amor, a melancolia da lembrança, a fuga dos dois e a angústia do “nevermore, do “jamais plus”, esse é um poema da permanência: ao rio fugidio, a ponte opõe sua pesada fixidez, e o poeta, fascinado pelas águas, delas escapa afinal.

Le Pont Mirabeau

Sous le pont Mirabeau coule la Seine
 Et nos amours
 Faut-t-il qu'il m'en souvienn
 La joie venait toujours après la peine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Les mains dans les mains restons face à face
Tandis que sous
Le pont de nos bras passe
Des éternels regards l'onde si lasse

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

L'amour s'en va comme cette eau courante
L'amour s'en va
Comme la vie est lente
Et comme l'Espérance est violente

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure

Passent les jours et passent les semaines
Ni temps passé
Ni les anours reviennent
Sous le pont Mirabeau coule la Seine

Vienne la nuit sonne l'heure
Les jours s'en vont je demeure.⁷⁶

Da nostalgia à revolta há apenas um passo: esta pode ser amadurecida, como é o caso de Fausto — 'protótipo do desejo de eternidade'.

FAUST (...) Oui, je m'abandonne à la fois de cette parole, qui est la dernière fin de la sagesse. Celui-là seul est digne de la liberté comme de la

vie, qui tous les jours se dévoue à les conquérir, et y emploie, sans se soucier du danger, d'abord son ardeur d'enfance, puis sa sagesse d'homme et de vieillard. Puissé-je jouir du spectacle d'une activité semblable et vivre avec un peuple libre sur une terre de liberté! A un tel moment je pourrais dire: "Reste encore! tu es si beau!" La trace de mes jours terrestres ne pourrait plus s'envoler dans le temps... Dans le pressentiment du plus beau moment de ma vie.

(Faust tombe, les lémures le saisissent et le placent dans le tombeau)

MEPHISTOPHELES Aucune joie ne le rassasie, aucun bonheur ne lui suffit, il s'élançe ainsi toujours après des images qui changent. Le dernier instant si vide et si méprisable qu'il fût, le malheureux eût voulu le saisir et l'arrêter. Le temps est resté le maître. Le vieillard gît là sur le sable. (L'heure s'arrête ...)⁷⁷

Mas a revolta também pode nascer ao acaso de uma vida maquinal. Assim como Mersault, o narrador-herói de *L'Étranger*, Sisyphé que os deuses condenaram a rolar eternamente uma pedra ao cume de uma montanha de onde sempre volta a cair, descobrirá a revolta, que mostra ao autor o absurdo da vida:

Il arrive que les décors s'écroulent. Lever. Tramway, quatre heures de bureau ou d'usine, repas, tramway, quatre heures de travail, repas, sommeil et lundi mardi mercredi jeudi vendredi et samedi sur le même rythme, cette route se suit aisément la plupart du temps. Un jour seulement, le "pourquoi" s'élève et tout commence dans cette

lassitude teintée d'étonnement. "Commence", ceci est important. La lassitude est à la fin des actes d'une vie machinale, mais elle inaugure en même temps le mouvement de la consciente. (...) De même et pour tous les jours d'une vie sans éclat, le temps nous porte. Mais un moment vient toujours où il faut le porter. Nous vivons sur l'avenir: "demain", "plus tard", "Quand tu auras une situation". Ces inconséquences sont admirables, car enfin il s'agit de mourir. Un jour vient pourtant et l'homme constate ou dit qu'il a trente ans. Il affirme ainsi sa jeunesse. Mais du même coup, il se situe par rapport au temps. Il y prend sa place, Il reconnaît qu'il est à un certain moment d'une courbe qu'il confesse devoir parcourir. Il appartient au temps, et, à cette horreur qui le saisit, il y reconnaît son pire ennemi. Demain, il souhaitait demain, quand tout lui-même aurait du s'y refuser. Cette révolte de la chair, c'est absurde⁷⁸

O homem, então, volta-se para as lembranças. A lembrança involuntária é o momento imprevisto e portador de alegria, que arrebatada o espaço de um instante, rejuvenesce o indivíduo e realiza o voto impossível pronunciado por Fausto: "[Moment] reste encore! tu es si beau!"

Porém, segundo Guitton, há algo de intemporal na memória,

"La mémoire humaine ne retrouve jamais le présent du passé — pour remédier, les genres littéraires de 'auto-biographie et du roman veulent donner l'illusion qu'on peut racheter le temps. (...)

La mémoire arrête le passé, l'étale en un tableau, nous le présente tout à la fois, à tel point qu'on peut le posséder par la pensée, comme on parcourt l'espace par le regard. Mais la mémoire ne retrouve jamais le passé tel qu'il était: le souvenir de chaque moment est imprégné du souvenir confus de ce qui l'a précédé et surtout de ce qui l'a suivi. (...)

Tout souvenir transfigure sa matière. »⁷⁹

Antes de Proust, Chateaubriant já havia sentido a primazia do passado sobre o presente, "Nossa vida é tão vã, que não é senão um reflexo de nossa memória e os momentos se refletem até o infinito, até não serem mais que o reflexo de um reflexo, o eco de um eco", como afirma Jean-Pierre Richard.

Je fus tiré de mes réflexions par le gazouillement d'une grive perchée sur la plus haute branche d'un bouleau. A l'instant, ce son magique fit reparaitre à mes yeux le domaine paternel; J'oubliai les catastrophes dont je venais d'être le témoin, et, transporte subitement dans le passé, je revis ces campagnes où j'entendis si souvent siffler la grive. Quand je l'écoutais alors, j'étais triste de même qu'aujourd'hui; mais cette première tristesse était celle qui naît d'un désir vague de bonheur, lorsqu'on est sans expérience; la tristesse que j'éprouve actuellement vient de la connaissance des choses appréciées et jugées. 80

A Recherche du Temps perdu de Proust é toda estruturada em torno do famoso episódio da madeleine, do aprofundamento desta experiência da lembrança, que se conclui com o milagre do Temps retrouvé. "A repetição fortuita de impressões análogas assinaladas por uma alegria indizível, permitirá ao autor descobrir enfim 'le secret de cette joie'":

Or, cette cause, ja la devinais en comparant ces diverses impressions bienheureuses et qui avaient entre elles ceci de commun que je les éprouvais à la fois dans le moment actuel et dans un moment éloigné, jusqu' à faire empiéter le passé sur le présent, à me faire hésiter à savoir dans lequel des deux je me trouvais; au vrai, l' être qui alors goûtait en ce qu' elle avait de commun dans un jour ancien et maintenant, dans ce qu' elle avait d' extraordinaire, un être qui n' apparaissait que quand, par une de ces identités entre le présent et le passé, il pouvait se trouver dans le seul milieu ou il pût vivre, jouir de l' essence des choses, c' est-à-dire en dehors du temps. Cela expliquait que mes inquiétudes au sujet de ma mort eussent cessé au moment où j' avais reconnu inconsciemment le goût de la petite madeleine, puisqu' à ce moment-là l' être que j' avais été était un être extratemporel, par conséquent insoucieux des vicissitudes de l' avenir. Cet être-là n' était jamais venu à moi, ne s' était jamais manifesté, qu' en dehors de l' action, de la jouissance immédiate, chaque fois que le miracle d' une analogie m' avait fait échapper au présent. Seul, il avait le pouvoir de me faire retrouver les jours anciens, le temps perdu, devant quoi les efforts de ma mémoire et de mon intelligence échouaient toujours⁸¹.

Freud propõe uma interpretação original das lembranças da infância:

À l' inverse des souvenirs conscients de l' âge adulte, ils (les souvenirs d' enfance) ne se fixent, ne se produisent pas à partir de l' événement même,

mais ne sont évoqués que tard, l' enfance déjà écoulee, et alors modifiés, faussés, mis au service de tendances ultérieures: de telle sorte qu' ils ne peuvent en général pas très bien se distinguer des fantasmes⁸².

Para Boris Vian, não existem lembranças puras:

Où étaient les souvenirs purs? En presque tous se fondent les impressions d' autres époques qui s' y superposent et leur donnent une réalité différente. Il n' y a pas de souvenirs, c' est une autre vie revécue avec une autre personnalité qui résulte pour partie de ces souvenirs eux-mêmes. On n' inverse pas le sens du temps à moins de vivre les yeux fermés, les oreilles sourdes.

Dans le silence, Wolf ferma les yeux, il plongeait toujours plus avant, et devant lui se déroulait la carte sonore à quatre dimensions de son passe fictif⁸³.

Finalmente, é através da arte que o tempo se submete à ordem humana: se a morte marca um fim irreversível ela nada pode contra a Idéia e os poetas sempre reivindicaram a imortalidade para sua criação.

Théophile Gautier ao exaltar a arte e sua eternidade, ilustra o tema do tempo vencido pelo artista:

Tout passe. - L' art robuste
Seul a l' éternité;
Le buste
Survit à la cité.
Et la médaille austère
Que trouve un laboureur
Sous terre
Révèle un empereur.

Les dieux eux-même meurent,
 Mais les vers souverains
 Demeurent
 Plus forts que les airains.
 Sculpte, lime, cisèle;
 Que ton rêve flottant
 Se scelle
 Dans le bloc résistant!⁸⁴

Na ironia de Valéry, em Mon Faust, num estilo paródico, encontramos a certeza dessa imortalidade das obras artísticas “monumentos do intelecto sem idade”⁸⁵

LE DISCIPLE. Durer, ou ne pas durer, c'est là pourtant, la question.
 MEPHISTOPHELES. Mon cher, il y a une manière de durer qui est une manière de ne pas durer. Tenez, voyez un peu par là ... Tous ces poètes.
 LE DISCIPLE. Je vois fort bien leur dos.
 MEPHISTOPHELES. Ils se taisent en chœur. A jamais.
 LE DISCIPLE. A jamais? ... Un Pindare, un Virgile? ...
 MEPHISTOPHELES. A jamais! A jamais, vous dis-je! Ils sont de glorieux silences. Personne au monde ne sait plus chanter leurs chants, prendre leur voix. Tous vos savants n'en font que parodies.
 LE DISCIPLE. Ils durent comme ils peuvent ... Et tout ce mur là-bas?
 MEPHISTOPHELES. Ci-gît le Temps. Des conserves de temps”⁸⁶

Proust, ao compreender que, pela memória, ainda lhe pertencia o tempo que julgava perdido, sente a revelação de sua vocação e, através das lembranças provocados pelas sensações, reencontra seu passado e liberta-se da “ordem do tempo”:

Une minute affranchie de l'ordre du temps a recréé en nous, pour la sentir, l'homme affranchi de l'ordre du temps. Et celui-là, on comprend qu'il soit confiant dans sa joie, même si le simple goût d'une madeleine ne semble pas contenir logiquement les raisons de cette joie, on comprend que le mot de 'mort' n'ait pas de sens pour lui; situé hors du temps, que pourrait-il craindre de l'avenir?⁸⁷

“La vraie vie”, exclama Proust, “c'est la littérature”.

Victor Hugo dit: ‘Il faut que l'herbe pousse et que les enfants meurent
 Moi, je dis que la loi cruelle de l'art est que les êtres meurent et que nous même mourions en épuisant toutes les souffrances, pour que pousse l'herbe non de l'oubli mais de la vie éternelle, l'herbe drue des oeuvres fécondes, sur laquelle les générations viendront faire gaîment, sans souci de ceux qui dorment en dessous leur ‘déjeuner sur l'herbe’.⁸⁸

Nesta “volta às profundezas” o escritor descobre o seu caminho: descrever em sua obra,

... les hommes (...) comme occupant une place si considérable, à côté de celle si restreinte qui leur est réservée dans l'espace, une place au contraire

prolongée sans mesure - puisqu'ils touchent
simultanément, comme des géants plongés dans
lés années, à des époques si distantes, entre
lesquelles tant de jours sont venus se placer —
dans le Temps.⁸⁹

Carlos Drummond de Andrade não procura o passado:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma
história,
nao direi os suspiros ao anoitecer, paisagem vista
da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de
suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por
serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
[os homens
presentes,
e a vida presente.⁹⁰

Em Camões, o tempo não vence o sentimento:

O tempo acaba o ano, o mês e a hora

A força, a arte, amanhã é a fortaleza,
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora;

O tempo busca e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não pode acabar minha tristeza
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grão bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste⁹¹
A pena e o prazer desta esperança

sEm Pope, uma dúvida: “em oito linhas ele olha vivamente para a morte de frente, e olha para trás, para os anos de trabalho que o tornaram famoso”;

Years following years, steal something ev'ry day.
At last they steal us from our selves away;
In one Frolicks, one Amusements end,
In one a Mistress drops, in one Friend:
This subtle Thief of Life, this paltry Time,
What will it leave me, if it snatch my Rhime?
if ev'ry Wheel of that unweariyld Mill
That turn'd ten thousand Verses, now stands
still.⁹²

Machadode Assis encara o esforço humano pelo prisma negativo quanto à experiência do tempo na vida humana do artista: “Nos

matamos o tempo; o tempo nos enterra”⁹³.

E assim, também, pela linguagem, o tempo reduz-se a um sistema coerente que é um puro produto do homem:

Un autre aspect de l’information qui nous permet de passer du discours à la fiction est le temps. Il existe un problème du temps parce que deux temporalités se trouvent mises en rapport: celle de l’univers représenté et celle du discours le représentant⁹⁴

Como o nota justamente o herói de Sartre:

Quand on vit, il n’arrive rien. Les décors changent, les gens entrent et sortent, voilà tout. (...) tout change; seulement c’est un changement que personne ne remarque: la preuve c’est qu’on parle d’histoire vraie. Comme s’il pouvait y avoir des histoires vraies; les événements se produisent dans un sens et nous les racontons en sens inverse. (...) J’ai voulu que les moments de ma vie se suivent et s’ordonnent comme ceux d’une vie qu’on se rappelle. Autant vaudrait tenter d’attraper le temps par la queue⁹⁵

E esta mudança que se produz na arte, no espaço da palavra é a única testemunha de uma possível dominação do tempo.

Et c’est ainsi que le poète se trouve aussi lié, malgré lui, à l’événement historique. Et rien du drame de son temps ne lui est étranger. Qu’à tous il dise clairement le goût de vivre ce temps fort!

Car l’heure est grande et neuve, où se saisir à neuf. Et à qui donc céderions-nous l’honneur de notre temps?...⁹⁶

Tempo, Sociedade, Literatura.

Seguindo o percurso traçado pelas epígrafes que ponteiavam o trabalho, o leitor poderá notar que elas, quase como um refrão, enfatizam a relação existente entre tempo e sociedade. Infelizmente, a economia exigida pelo tipo de trabalho (monografia) não permite detalhes de referência de documentos na literatura de todas as épocas a respeito de cada “tipo” diferente de tempo.

Começando pela duplicidade e pela ambigüidade do tempo que “escoa e recomeça e reflete as “múltiplas histórias das coisas e dos homens” (1. O que é Tempo?) vimos os instrumentos de medida do tempo “traços essenciais da trajetória de cada civilização e do curso da vida para cada homem” e que revelam o “sentido do tempo para cada sociedade” (2. Tempo cronológico). Por outro lado, apesar da pluralidade dos tempos, o Tempo é “único em todas as sociedades” (3. Tempo físico), pois cada uma tem seu próprio tempo e sua história. Toda sociedade inscreve-se numa teoria da História, de vez que “toda cultura se constrói em torno de um sentido do tempo” (4. Tempo histórico). Vimos que, a cada nova reviravolta histórica, muda a medida do tempo: “ter poder é controlar o tempo dos outros, o seu próprio, o tempo presente e o do futuro, tempo passado e o dos mitos” (6. Tempo político). Cada Sociedade também vive segundo o seu tempo litúrgico, que estabelece em ciclos, “códigos e ritos” (7. Tempo litúrgico). Ainda passamos a vista sobre a relação linguagem-tempo, em que “um mesmo vocábulo designa tempo que faz e o tempo de fazer” (8. Tempo linguístico). E, finalmente, chegamos ao conceito atual, também, duplo, entre duas formas de “uso do tempo: o homem, que é usado pelo tempo, programado como uma máquina entre Máquinas e o homem que “inventa o tempo” que transforma cada máquina em instrumento de criação de um ritmo pessoal, em que ele pode ritmar sua própria

vida” (4. Tempo psíquico). Este é o tempo subjetivo que influencia enormemente a literatura da atualidade. O tempo “transformado” em literatura, afinal, reflete, talvez, “uma angústia banal diante da fragilidade de todas as coisas e uma ambição de transformar por uma obra, a vida em eternidade absoluta” (II O Tempo e a Literatura).

Quanto à relação Tempo-Literatura-Sociedade, o enfoque maior deste trabalho é dado ao tempo como tema, cantado pelos poetas ao longo da história — poetas cuja obra é, sempre, um documento “vivo” de sua época, do meio e da sociedade a que pertence. Em cada texto escolhido — e, infelizmente, uma escolha implica o abandono de outros textos também significativos para o estudo em questão e que foram deixados de lado ainda por um problema de economia necessária — em cada texto escolhido, repito, o tempo se apresenta através da palavra poética como a verdade e a vivência de cada poeta que, conseqüentemente, reflete, de modo consciente ou não, o seu próprio momento histórico.

Pela evocação de um poeta, através da palavra literária, nós, os leitores, sentimos as aspirações, os receios, o lamento, a revolta ou a exaltação do homem em relação ao tempo, esse tempo que existe “malgré nous” e que não sabemos explicar...

A literatura, com a força da linguagem, com o poder mágico da palavra (quer o poeta busque o passado, o presente ou o futuro) molda o tempo e submete-o à sua vontade.

NOTAS

1 Mann, Thomas. *A Montanha Mágica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.601. apud Benedito Nunes. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ed. Ática, 1988. p.5.

2 CASSIRER, E. *An Essay on Man* New York, Doubleday, 1953, p. 72. ap. Hans Meyerhoff. *O Tempo na Literatura*. São Paulo: Mc. Graw Hill do Brasil, 1872, p.2.

3 BLOCH, M. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Paris: Colin, 1949. pp23-33. ap. Jacques LE GOFF. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. I. Porto:

Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984, p. 162.

4 POUILLON, Jean. *O Tempo e o Rorance*. São Paulo: Cultrix, 1984. p.112.

5 GÊNESES I, 1-5.

6 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. livro XI. cap.14. 17.

7 POUILLON, J. op. cit. p.112.

8 NUNES B. op. cit. p.23

9 Id. *Ibid*.

10 Id. pp.23-24.

11 PADRE VIEIRA “num de seus sermões” ap. B.Nunes. op. cit. p.24.

12 NUNES, B. Op. cit. p.17.

13 O que provoca uma infinidade de abordagens temáticas pelos poetas e autores de ficção. objeto da segunda parte deste trabalho.

14 Foram os Hebreus que inventaram a semana, influenciados pela astronomia dos Caldeus. Mesmo considerando o número 7 como de mau agouro, os Caldeus observavam com interesse os “7 astros móveis” que eles chamavam planetas: “a lua (na realidade um satélite da terra) de onde veio lundi: Marte-mardi, Mercúrio-mercredi, Júpiter-jeudi, Vênus-vendredi, Saturno-saturday em inglês (substituído em italiano e em francês pelo dia do shabbat), o Sol (na realidade uma estrela) de onde veio Sunday e Sonntag, em inglês e alemão (enquanto que os italianos e os franceses o consagraram ao Senhor: domenica e dimanche” (Le Goff, p-280). No Antigo Testamento são os sete dias da Gênese. Segundo Le Goff, “a grande virtude da semana é introduzir no calendário uma interrupção regular no trabalho e na vida quotidiana, período de repouso e tempo livre. Hoje em dia, o dia de repouso converteu-se em dois, o week-end dos ingleses “primeira nação industrializada”, que corresponde a um “fenômeno sócio-econômico” típico: “a segunda casa das famílias abastadas” da cidade. O calendário alterna a dialética trabalho e tempo livre: “o tempo regular, mais linear, do trabalho, mais sensível às mutações históricas e o tempo cíclico da festa, mais tradicional, e no entanto, permeável às mutações da história” (Le Goff, p-282).

15 O mês é flutuante para certos povos e, no folclore, o ciclo mensal sugere períodos faustos e nefastos. O mês de maio, por exemplo, evoca a magia, o recomeço trazido pela primavera e o amor. Se hoje, aqui no Brasil, este mês é considerado “mês das noivas”, foi, outrora, como mês de Maria, da virgindade, uma época não conveniente para o casamento, sendo, inclusive, para os romanos, um mês nefasto do ponto de vista sexual.

16 Como medida para a vida o ano é essencial. Segundo Le Goff, os demógrafos calculam em anos a esperança de vida: importância dos aniversários como unidade demarcadora no cômputo da vida humana; o “Ano Novo” que marca um novo começo; o “ritmo anual enquanto ritmo orçamental das sociedades modernas, o ano enquanto data, ponto de referência de fatos históricos.

17 O tema das estações é significativo nos calendários populares, nos provérbios.

nas expressões familiares ("Marchand des quatre saisons"), na moda e na arte: estações, divisões do ano, tempos de um sinfonia (o balé "As estações" de Lasunov: "As quatro estações", concerto de Vivaldi), quadros (Poussin, Archibaldi, etc...).

18 LE GOFF op. cit. p.286.

19 WHITROW, C.J. What is time?. Londres, Tharles and Hudson, 1972, ap. J. H. Rodrigues. J. H. Literatura e Sociedade. Ed. Vozes. Rio de Janeiro: 1986, p.18.

20 HAWKING, S. Uma breve história do tempo. Rio de Janeiro: Rocco 1988.

21 Id. p.189.

22 Id. p.191.

23 Id. p.201.

24 Id. p.195.

25 Dessa maneira, Bronowsky compara o momento da criação em arte, com a "criação" na ciência: as imagens poéticas, como as descobertas científicas são a "explosão" de uma semelhança oculta. Na resposta de Fausto a Mefistófeles (que veremos mais tarde) o mecanismo do relógio está presente na imagem do tempo: assim também Einstein aproximou semelhanças ao ligar tempo e espaço. As imagens na poesia são um instrumento do pensamento criador tão coerente e tão exato como as imagens conceituais com que a ciência trabalha: o tempo e o espaço ou o próton e o neutron" (Bronowsky. Ciências e Valores humanos »)

26 A frase é de Proust e é citada por Andre Maurois em Prousts Portraits of a genius. N.Y. Harper, 1951. p.158 ap. Meyerhoff. op. cit. p.13.

27 MEYERHOFF. op. cit. p.13.

28 MANN, T.88. La Montagne Magique, tome I. Paris: Fayard, 1931. P.100.

29 Id. pp.100-101.

30 NUNES, B. op.cit. p.20.

31 Id. p.21.

32 BÍBLIA. Antigo Testamento. Gênese. I.14.

33 LE GOFF, J. Op.cit. p.311.

34 ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva 1985. p.45.

35 LE GOFF, op.Cit. p.311.

36 WEINRICH, H. Le Temps. Paris: Seuil, 1964. p.13.

37 Id. Ibid.

38. BENVENISTE. Les relations de thèmes dans le verbe français In: Problèmes de Linguistique Générale V.1 Paris: Gallimard, 196688. p.239.

39 Id. Ibid.

40 Id. p.242.

41 Id. p.259. ap. B. NUNES, op.cit. p.41.

42 BENVENISTE. Le langage et l'expérience humaine. In: Problèmes de Linguistique générale. Paris: Gallimard, 1974. V.2. p.70.

43 RICOEUR, Paul. Temps et recit. Tome II. Paris: Seuil, 1984. p.98.

44 Essa reduplicação foi estudada por Günther Müller em sua Poética Morfológica, por Gérard Genette e pelos semiólogos Greimas e seus seguidores

45 NUNES, B. op.cit. p.38.

46 Id. p.39.

47 Ricoeur, P. op.cit. p.101.

48 Id. p.102.

49 WEINRICH, H. op. cit. p.46.

50 "Once upon a time". "Il était une fois". "... and a very good time it was, though it wasn't in my time, nor in your time, nor in else's time". O universo do conto maravilhoso faz explodir a temporalidade de nosso mundo cotidiano como o exprime o início de um conto espanhol "Érase que se era...". Essas fórmulas seriam um sinal novo para que as crianças entendessem que ali havia a narração de um mundo diferente da sua realidade.

51 RICOEUR, P. op.cit. p.114.

52 Id. p.85.

53 NUNES, B. op.cit. p.25

54 .GENETTE, G. Discours du récit, essais du méthode In: Figures III. Paris: Seuil, 1972, p78. ap.Nunes, op.cit. p.28.

55 FRYE, N. Anatomia da Crítica, São Paulo: Editora Cultrix, 1957. pp.160-161.

56 GUITTON, J. Justification du Temps, Paris: PUF, 1961, p.8.

57 ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: Texto/Contexto, S.P., Perspectiva, 1976, p.85..

58 MEYERHOFF, op.cit. p.21.

59 KUNDERA, M.L. Art du roman, Paris: Gallinard, 1986. p.32.

60 ELIADE, M. op.cit. pp.164-165.

61 BRUNEL, P., et alii. Approches Littéraires, Bordas, 1976. p. 307.

62 GUITTON Op.cit. p.8

63 BAUDELAIRE, C. Les fleurs du Mal, Paris: Gallinard et Librairie Générale Française, 1964. p.26.

64 BRUNEL, op.cit., p.307.

65 TREBOLES, Jorge, Guillien. Obra poética: antologia. Madrid, Alianza Editorial Madrid, 1970. p.144. ap. Benedito NUNES op.cit. p.9.

66 CASTRO, Eugênio de. Epigrafe

67 PASCAL, Blaise. Pensées, Paris: Garnier-Flamarion, 1976. 172. 47. p.96.

68 GUITTON, op.cit. p.6.

69 VICTOR HUGO. Les rayons et les ombres . 1840

70 .BELLAY, J. du. Les Antiquités de Rome III.

71 BRUNEL, op.cit. p.319.

72 RONSARD, P.de. Continuation des Amours. Paris: Garnier-Flamarion, 1965. p.303.

73 LA FONTAINE, J.de. La fille. In: Fables. Paris: Librairie Générale Française.

- 1972, pp. 179-180.
 74. QUENEAU, R. *L'instant fatal*. Paris: Gallimard, 1948. réed. coll. Poésies - NRF. pp. 181-182.
 75 VILLON, F. *Le Testament*. In: *Oeuvres* Paris: Librairie Honoré Champion, 1961, p.22.
 76 APOLLINAIRE, G. *Alcools*. Paris: Gallimard, 1920, p.15.
 77 GOETHE, W. *Second Faust*, 1832, Trad. Gérard de Nerval.
 78 CAMUS, A. *Le mythe de Sisyphe*. Paris: Ed. Gallimard, 1942. pp.27-28.
 79 GUITTON op. cit. pp.11-12
 80 CHATEAUBRIAND, François-René. *Mémoires d'outre-tombe*. Paris: Gallimard, 1951.
 81 PROUST, M. *Le Temps retrouvé*. Paris: Gallimard, 1954. p.228.
 82 FREUD, S. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*. trad. Marie Bonaparte. Paris: Gallimard, 1927, pp.67-68
 83. VIAN Boris. *L'herbe rouge*. ap. BRUNEL, op.cit. p.340.
 84 GAUTIER, T. *Émaux et camées*, ap. BRUNEL, Pierre et alli. *Approches littéraires*, op.cit. p.345.
 85. YEATS, *Sailing to Byzantium*, ap. BRONOWSKY. *Arte e Conhecimento. Ver Imaginar, Criar*. São Paulo: Livraria Martins Fontes 1983. p.79.
 86 VALÉRY, P. *Mon Faust*. Paris: Gallimard, 1944. réed. coll. Bibliothèque de la Pléiade, pp.364-367.
 87 PROUST, M. *Le Temps retrouvé*. op. cit. p.230
 88 Id. p.430.
 89 Id. p.442
 90. DRUMMOND DE ANDRADE, C. *Poemas R.J. Liv. José Olympio*. 1959. p.78.
 91. FERREIRA, J. *Sonetos de Camões*, Porto: Editorial Domingos Barreira, p.
 92 Pope. citado por BRONOWSKI. *A ciência e Valores Humanos*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: 1979. p.23.
 93 MACHADO DE ASSIS. *Epitaph of a small Winner* N.Y. Noonday. 1952. p.188. ap. Meyerhoff, op. cit. p.64.
 94 TODOROV. *Qu'est-ce que le structuralisme?* Paris: Seuil, 1968. p.52.
 95 SARTRE, J.P. *La nausée*. Paris: Gallimard, 1938. réed. coll. Folio. pp.44-45
 96 SAINT-JOHN PERSE. *Allocution au banquet Nobel du 10 décembre 1960*. Gallimard. Poésie. N.R.F., pp.244-246.

BIBLIOGRAFIA

- APOLLINAIRE, Guillaume, *Alcools*, Paris: Gallimard, 1920.
 ATTALI, Jacques, *Histoires du Temps*, Paris: Fayard, 1982.
 BAUDELAIRE, Charles, *Les Fleurs du Mal*, Paris: Gallimard et Librairie Générale Française, 1964.
 BELLAY, Joachim du, *Les Antiquités de Rome III*, 1558.
 BENEVISTE, Emile. *Les relations de temps dans le verbe français*. In: *Problèmes de linguistique générale. V.1*. Paris: Ed. Gallimard, 1966.
 _____. *Le langage et l'expérience humaine*. In: *Problèmes de linguistique générale. V.2*. Paris: Gallimard, 1974.
 BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*, Paris: Ed. Gallimard, 1959.
 BRONOWSKI, Jacob. *Ciência e Valores humanos* Trad. Alceu Letal. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: 1979.
 _____. *Arte e Conhecimento, Ver, imaginar, criar*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.
 BRUNEL, Pierre et alli. *Approches littéraires, I. les thèmes*. Paris: Bordas, 1976.
 CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe* Paris: Gallimard, 1942.
 DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poemas*, Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1959.
 ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.
 FREUD, Sigmund. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*. Trad. Marie Bonaparte, Paris: Gallimard, 1927.
 FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica* São Paulo: Cultrix, 1957.
 GUITTON, Jean. *Justification du Temps*, Paris: P.U.F., 1961.
 HAWKING, Stephen W. *Uma breve história do Tempo, do Big Bang aos Buracos Negros*. Trad. Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
 KUNDERA, Milan. *L'art du roman*. Paris: Gallimard, 1986.
 LACEY, Hugh M. *A linguagem do Espaço e do Tempo*. São Paulo: _____

- Perspectiva, 1972.
- LAGARDE, A. & MICHARD. *Collection Littéraire XXe siècle*
Paris: Bordas, 1969.
- LE GOFF, Jacques et alii. *Enciclopédia Einaudi, V.1. Memória-
História*. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- LUKACS, Georges. *La théorie du roman*. Trad. Jean Claire-voye,
Paris: Gonthier, 1963.
- MANN, Thomas. *La Montagne Magique*, Trad. Maurice Betz. Paris:
Fayard, 1931.
- MEYERHOFF, Hans. *O Tempo na Literatura*. São Paulo:
Mc.Graw-Hill do Brasil. 1976.
- NUNES, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ed. Atica,
1988.
- PASCAL, Blaise. *Pensées*. Paris: Garnier-Flamarion, 1976.
- POUILLON, Jean. *O Tempo e o Romance*, São Paulo: Cultrix, 1984.
- PROUST, Marcel. *Le Temps retrouve*, Paris: Gallimard, 1954.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit, tome I*, Paris: Seuil, 1983.
_____, *Temps et récit, tome II*, Paris: Seuil, 1984.
- RODRIGUES, José Honório. *Literatura e Sociedade*. Rio de
Janeiro: Ed. Vozes, 1986.
- TODOROV, Tzvetan. *Qu'est-ce que le structuralisme?* Paris: Seuil.
1968.
- VILLON, François. *Oeuvres*. Paris: Librairie Honoré-Champion,
1961.
- WEINRICH, Harald. *Le Temps* Trad. Michèle Lacoste, Paris: Seuil.
1964.